

Nutrição e Mídia: O “Boom” exige responsabilidade

Você está recebendo mais uma edição da RASBRAN, número que se traduz em marco no processo de sua consolidação como revista científica da área de Nutrição. Esta edição representa o relançamento da revista, agora, na versão eletrônica, e a última publicação na versão impressa. Estamos ingressando no Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), versão customizada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, a partir da plataforma Open Journal System, que atende aos requisitos técnicos recomendados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e que propicia a adoção de padrões editoriais internacionais para periódicos online 100% eletrônicos.

Entre os variados artigos que ocupam as próximas páginas, temos a expectativa de fazer uma reflexão sobre o caminho que a Nutrição trilha paralelamente à mídia.

As duas últimas décadas do século XX despertaram o mundo para a urgência em salvar o planeta. Como tema de última hora, a ecologia ocupava de maneira sistemática o noticiário dos jornais, rádios e emissoras de tevê, sempre recheado de pautas com novas terminologias que poucos assimilavam. O “boom ambiental” fazia nascer uma geração de jornalistas especializados em meio ambiente e editorias floresciam à luz da “onda verde”.

Falava-se muito, entendia-se pouco.

Até o início da década de 90, este cenário tinha como principais fontes de informação os órgãos governamentais; depois vieram os institutos, as ONGs e as entidades do campo científico. Havia sede de conhecimento.

Vivemos na atualidade um cenário muito semelhante com o “boom da Nutrição”. Com ele enfrentamos os mesmos conflitos que nos exigem uma cobertura responsável sobre temas como Nutrigenômica, DHAA, Sustentabilidade, Síndrome Metabólica e a abordagem sobre uma infinidade de mitos sobre alimentação em geral que pesquisas sérias desmistificam.

Na velocidade que a informação pede, em meio à era digital, nutricionistas passaram a ocupar lugar de destaque em revistas, blogs, portais eletrônicos, programas de televisão e, algumas vezes, são mais vistos como estrelas do que fontes de informação. Em outras, não conseguem vencer as pautas viciadas de um universo que prima pela beleza estética e pouca saúde.

Não é surpresa que, diante de tanta informação truncada – ou falta dela – a Nutrição tenha se transformado no imaginário popular sinônimo de dietas milagrosas ou simplesmente o meio para promoção de novos produtos de uma indústria que cresce a cada dia. Se de um lado os profissionais da comunicação esperam informação confiável, do outro, os profissionais da Nutrição ainda não se mostram muito confortáveis para repassá-la. Afinal, como desatar este nó?

Ao que parece, a Nutrição segue o que é ditado e se priva de ditar o que é necessário.

Chegou o momento de inverter essa estranha lógica.

Como no passado, quando foi necessário formar profissionais da comunicação para a nova era ambiental, nesta primeira década do século XXI precisamos repetir a lição tendo a Nutrição como pano de fundo.

Este é um desafio para entidades como a ASBRAN e o Sistema CFN.

Estimular oficinas, debates, dar sintonia à linguagem apropriada, afinar o discurso e produzir conteúdo específico para jornalistas que auxiliem na compreensão do universo da Nutrição são tarefas imediatas. O resultado será um produto final mais claro, mais científico, mais confiável e melhor assimilado pela população. Espaços se abrirão também para a discussão política, e consequente, de questões urgentes que fogem das pautas tradicionais de catástrofes,

relatórios publicados ou datas comemorativas.

Um exemplo positivo de como diferentes instituições podem atuar para melhorar o trabalho da mídia se deu ano passado na Bahia, onde o governo lançou uma cartilha dirigida aos profissionais de Comunicação que fazem a cobertura da área da saúde. A publicação, seguida de workshops, buscou qualificar os jornalistas na produção de material com mais precisão.

Não há dúvidas de que a Nutrição deve construir uma nova relação com a mídia, com critério e coerência. Eliminar as “gorduras” do que é mito e verdade, limpar a névoa que confunde pesquisas científicas responsáveis de pequenos estudos patrocinados pela indústria e assumir um papel social relevante. E mais: deve introduzir no meio acadêmico essa discussão.

O fato é que enquanto Nutrição e mídia continuarem a trabalhar sob o peso da desconfiança, pouco avanço podemos esperar na multiplicação da informação séria e adequada.

Se a mídia pode parecer “um pátio de milagres” na cobertura de saúde, como já afirmou o jornalista Alberto Dines, é possível que a Nutrição possa dar a sua contribuição para mudar este comportamento, transformando milagres em educação e educação em hábitos alimentares mais saudáveis.

Por outro lado, temos as revistas científicas que cumprem o seu papel de divulgação de trabalhos de uma massa crítica que, atualmente, estimulada pelo produtivismo dos órgãos de fomento de nosso país, encontra limitações para as publicações. Em 2009, quando iniciamos a Revista da Associação Brasileira de Nutrição (RASBRAN), em nosso editorial, chamamos a atenção sobre o porquê de mais uma revista científica. Naquele momento, a nossa resposta ficou limitada ao grande sonho da ASBRAN que era trazer a realidade das pesquisas nacionais para o ambiente profissional. Hoje, ampliamos essa expectativa, não somente para atender interesses de avaliação acadêmico-científica, mas também proporcionar aos leitores maior visibilidade e melhor acessibilidade à nossa publicação.

Boa leitura!!

Sandra Perruci de Aquino é jornalista, diretora de Comunicação da Prossiga COM e coordenadora de Comunicação da Associação Brasileira de Nutrição (ASBRAN).

Eliane Moreira Vaz – Editora Científica RASBRAN

Marcia Fidelix – Editora Gerente RASBRAN